# BOLETIM DA C. P.

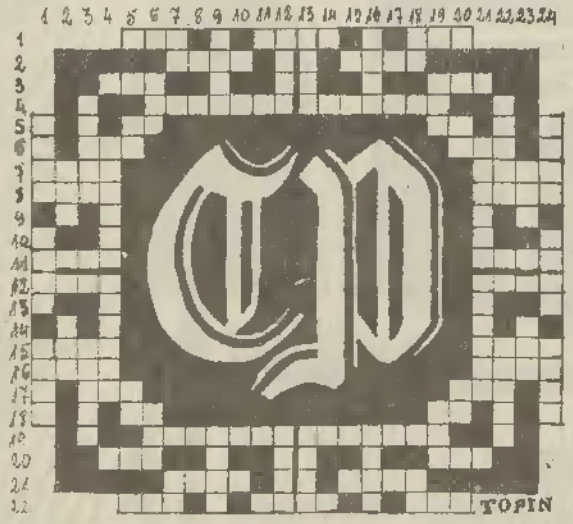
PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

## Problemas recreativos

1 — **Palavras cruzadas:**




*Horizontais:* 1 — Ocre vermelho ferruginoso, quintal junto a uma casa, arroubamento; 2 — Guarnição em pregas e franzidos dos vestidos, mulher bela; 3 — Tapeçaria com figuras, armadilha de caça; 4 — O que é dotado de organização robusta, criança metida na roda da Misericórdia; 5 — Passas, acidente; 6 — Raiva, acusado em processo crime; 7 — Supremo sacerdote entre os japoneses, língua moderna (Índia); 8 — Prolongamento dos lados dum corpo (pl.), hesita; 11 — Selo de chumbo pendente de documentos oficiais; corpo simples de brilho metálico; 12 — Vela latina do mastro grande, ave aquática (Brasil); 15 Jacuba, inválido; 16 — Levantar, golpe; 17 — Ninho, oriental; 18 — «Apelido», consinto; 19 — Cabide em que os algibebes expunham o fato à venda, forma que o ferrador dá à ferradura dobrando-a na parte anterior de baixo para cima; 20 — «Mulher», grande árvore rosácea; 21 — Ovo esporangio que representa a fase esporófita dos ascomicetos, constante; 22 — Deus, ornamentos dos discursos, rolo de peles que as damas põem ao pescoço para abafo.

*Verticais:* 1 — Lavor escavado, registo de órgão, pessoa que tem o mesmo nome que outra; 2 — Primeiras noções de qualquer coisa, muitíssimo; 3 — Cabra do mato das regiões montanhosas de Lourenço Marques, penteado feminino que assenta dos dois lados da testa; 4 — Tinta vermelha, jaspe verde da América; 5 — Eia, beberete; 6 — Voz onomatopaica de som de golpes, atalha; 7 — Galhardia, símbolo químico do ouro; 9 — Semelhante, impertinência; 12 — Casa que tem muitos compartimentos, vinho considerado como excipiente medicinal; 13 — O que se dá a um convento pela entrada de uma freira, rédito da comunidade agrícola de Goa que recebe anualmente cada gancar; 16 — Silencioso, um quase nada; 18 — Ponderei, manto real; 19 — Grandes riquezas, oportunidade; 20 — Récipe, planta (China); 21 — Sacerdote gaulês dedicado ao estudo das ciências naturais, planta rubiácea; 22 — Selecção, inflamação das vias urinárias; 23 — Responde, tabaque grande usado na música africana; 24 — Suco dos frutos, mèzinha feita de pão torrado e embebido em vinho com que se faz um emplastro para fortificar o estômago, arsénico (pl.).

*Topin*

* * *

2 — **Um cruzamento** — Dois barcos das carreiras Lisboa-Barreiro partiram, um de Lisboa às 8 horas e o outro de Barreiro às 8 h. 5 m. e 15 s.

Percorreram o mesmo caminho de cinco milhas e um quarto e chegaram às suas estações à mesma hora, tendo o segundo navegado com uma velocidade de duas milhas mais.

Pretende-se saber a que horas se deu o encontro dos dois barcos e a quantos metros de Lisboa teve lugar.

*José Gonçalves*

* * *

3 e 4 — **Geométricas:**

| | | |
|---|---|---|
| Estação (C. N.). | • • • • • | Estação (M. D.). |
| Sinal de paz. | • • • • | Estação (C. P.). |
| Muitíssimo. | • • • | Algum. |
| Asse. | • • | Acidente. |
| Vogal. | • | Consoante. |

* * *

5 e 6:

| | | |
|---|---|---|
| Bôrdo. | • • • • | Pouco denso. |
| Cabeça. | • • • • | Navegar. |
| Repercute. | • • • • | Não vulgar. |
| Golfinho. | • • • • | Lavrar. |

* * *

7 e 8:

| | | |
|---|---|---|
| Funesto. | • • • | Apetece. |
| Geito. | • • • • | Fatiga. |
| Vantajosos. | • • • • • | Carrega. |
| Páteo. | • • • • | Bôrdo. |
| Génio. | • • • | Subúrbio. |

* * *

**Sincopadas:** (3-2).

9 — Senti um grande *alívio* por me afastar do *embuste* em que vivia.

*

10 — «*Coma*» e cale-se ainda que isso seja um *tumor duro* de roer.

*

11 — Um *versátil* pode ser uma *pessoa bondosa*.

*(Continua na outra página interior da capa)*

18.º Ano — N.º 200 Fevereiro de 1946

PROPRIEDADE
da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

DIRECTOR
O Director Geral da Companhia
Engenheiro *Alvaro de Lima Henriques*

ADMINISTRAÇÃO
Largo dos Caminhos de Ferro — Estação de Santa Apolónia

Editor: Comercialista *Carlos Simões de Albuquerque*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

**SUMÁRIO:** Algumas considerações acerca do trigo. — Estou farto de febre tifoide... — A Terra portuguesa. — Digressão literária. — Factos e Informações. — O que é o mundo. — Consultas e Documentos. — A nossa casa. — Pessoal.

# Algumas considerações acerca do trigo

Pelo Sr. Comercialista *Fernando Catalão Dionísio*, da Divisão da Exploração

ESTUDOS recentes sobre alimentos eficientes e equilibrados provaram que a experiência milenária ou talvez a intuição dos cultivadores, dando preferência aos cereais como base das suas culturas, satisfazia plenamente os preceitos científicos actuais em matéria de alimentação. De facto, os cereais reunem em si, sob forma bastante concentrada, duas das substâncias essenciais à vida: as azotadas e as hidrocarbonadas.

Dentre as culturas de cereais destaca-se a do trigo por ser não só das mais antigas, como também uma das mais disseminadas pela superfície terrestre. Este cereal, produzido e consumido em todos os paises, fàcilmente transportável e com um altíssimo valor nutritivo é a base da alimentação de grande parte da humanidade.

A cultura do trigo dispersa-se por diferentes latitudes nos dois hemisférios, sujeita, por isso, a condições agrológicas e climáticas diversas, de onde resulta as colheitas terem lugar em diferentes épocas, podendo até afirmar-se que não se passa um mês no ano sem colheita de trigo em algum lugar da terra. Assim, as colheitas nas principais regiões produtoras distribuem-se durante o ano do modo seguinte:

JANEIRO — Austrália, Nova Zelândia, Argentina, Chile, etc.
FEVEREIRO — Egipto Meridional, centro e oriente da Índia, etc.
MARÇO — Alto Egipto, Índia Ocidental, etc.
ABRIL — Egipto Setentrional, Ásia Menor, México, Pérsia, etc.
MAIO — Japão, China, Marrocos, Algéria, Tunísia, etc.
JUNHO — Portugal, Espanha, Itália, Centro e Sul dos E. U. A., Sul da França, etc.
JULHO — Norte da França, Áustria, Hungria, Bulgária, Rússia Meridional, Canadá, Norte dos E. U. A., etc.

AGOSTO — Inglaterra, Dinamarca, Bélgica, Rússia Central, etc.
SETEMBRO — Escócia, Escandinávia, Norte da Rússia, etc.
OUTUBRO — Sibéria, Finlândia, etc.
NOVEMBRO — África do Sul, Norte da Argentina, Perú, etc.
DEZEMBRO — Birmânia, Sul da Austrália, etc.

As colheitas variam muito de região para região e de ano para ano sendo a instabilidade das boas e más colheitas tão grande, que o povo diz que «é o ceu e não a terra que produz o trigo». Nas mesmas terras e com os mesmos cuidados a colheita pode, dum ano para o outro, aumentar para o dôbro ou diminuir para metade.

Esta incerteza de bom ano ou mau ano de trigo e a impossibilidade da maior parte dos países se bastarem a si próprios causa grandes preocupações, principalmente nos povos civilizados, pois é nestes que o trigo, a «planta da civilização», como o célebre geógrafo Vidal de la Blache lhe chama, faz parte essencial da alimentação.

A Europa, um dos continentes que importa maiores quantidades deste cereal, num período normal, consome cerca de metade da produção mundial colhendo apenas um terço. Os países deste continente, segundo as suas necessidades de trigo, podem agrupar-se do modo seguinte:

1.º — Uma pequena minoria que pode exportar trigo — Hungria, Roménia, Bulgária, Jugo-Eslávia e Rússia.

2.º — Países que conseguem, por si, garantir a maior parte do seu consumo (cerca de sete décimos) — Espanha, França, Polónia, Itália e Suécia.

3.º — Aqueles que produzem grande parte do que consomem (aproximadamente dois terços) — Alemanha, Áustria, Dinamarca e Checo-Eslováquia.

4.º — Aqueles onde a produção não atinge, sequer, metade do seu consumo — Grã-Bretanha, Irlanda, Holanda, Bélgica, Suíça, Noruega, Suécia e Grécia.

Portugal pode incluir-se alguns anos no 2.º, outros no 3.º grupo, havendo anos até, como o de 1935, em que a colheita foi superior às suas necessidades normais. Nesse ano, devido a condições climáticas excepcionais obteve-se a maior colheita até hoje conhecida no nosso País, cerca de 771 mil toneladas, isto é 150 mil toneladas além do consumo normal.

No quinquénio anterior à guerra — 1935-39 — a produção de trigo no continente português aumentou consideràvelmente. Neste período, embora não esquecendo que nele se encontra incluido o ano de 1935, obteve-se a boa média anual de cerca de 440 mil toneladas, cabendo a cada província a tonelagem abaixo indicada:

| Províncias | Médias anuais 1935-39 (em toneladas) | % |
|---|---|---|
| Minho | 1.536 | 0,4 |
| Trás-os-Montes e Alto Douro | 17.207 | 3,9 |
| Douro Litoral | 3.407 | 0,8 |
| Beira Litoral | 2.650 | 0,6 |
| Beira Alta | 5.455 | 1,2 |
| Beira Baixa | 15.446 | 3,5 |
| Estremadura | 42.802 | 9,7 |
| Ribatejo | 47.192 | 10,8 |
| Alto Alentejo | 128.183 | 29,2 |
| Baixo Alentejo | 151.408 | 34,5 |
| Algarve | 23.753 | 5,4 |
| Total | 439.039 | 100 |

Pertencem às províncias do Alto Alentejo e do Baixo Alentejo, como é do conhecimento geral, as maiores produções de trigo no continente português. Comparando a tonelagem expedida por caminho de ferro, nas tres redes exploradas pela Companhia, com a tonelagem chegada a cada uma delas, verificamos que só na rede do Sul e Sueste, — que serve a província do Baixo Alentejo

e parte da do Alto Alentejo — o volume das expedições é superior ao das chegadas.

| Tonelagem transportada | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Expedições | | | Chegadas | | |
| Anos | A. R. | M. D. | S. S | A. R. | M. D. | S. S. |
| 1935 | 86.334 | 23.697 | 171.109 | 119.050 | 66.564 | 95.527 |
| 1936 | 106.755 | 19.188 | 179.012 | 134.297 | 45.214 | 125.445 |
| 1937 | 74.165 | 19.119 | 128.916 | 102.859 | 39.460 | 79.890 |
| 1938 | 57.380 | 30.677 | 82.084 | 78.626 | 31.487 | 60.028 |
| 1939 | 75.033 | 15.228 | 138.705 | 103.129 | 49 165 | 76.672 |

É interessante notar, confrontando o quadro das médias anuais das colheitas no quinquénio de 1935-39, com a tonelagem chegada nos 5 anos referidos a cada uma das três redes que a média anual das colheitas em três provincias — Minho, Trás os Montes e Alto Douro e Douro Litoral —, servidas pela rede do Minho e Douro, é inferior às quantidades chegadas às estações desta rede. Este facto explica-se, mesmo levando em conta a preferência, nessa região, do pão de milho ao pão de trigo e o consumo de pão de mistura de trigo e milho, pela circunstância da produção ser diminuta em relação à densidade populacional, que é grande, sobretudo, nas províncias do Minho e Douro Litoral. Este contraste entre a produção e a densidade de população obriga a transportes repetidos de trigo doutras regiões, nas três províncias citadas.

Embora não esquecendo a grande influência, que os factores climáticos exercem sobre a produção do trigo, infelizmente bem pouco favorável nestes últimos anos, pode dizer-se, no que respeita ao continente português, que, de uma maneira geral, a produção de trigo tem aumentado em ritmo superior ao crescimento da população.

A simples consulta de estatísticas do nosso comércio externo leva a supor que as importações de trigo têm aumentado em consequência de colheitas fracas, mas na realidade, o facto é sobretudo devido ao aumento progressivo do consumo de trigo por habitante, que se tem verificado em Portugal, em prejuízo do consumo de milho e centeio.

**Linha do Douro — Viaduto de Pala** — *Fotog. do Sr. Raul Fonseca, Desenhador da Via e Obras*

# Estou farto de febre tifoide . . .

*Leitor amigo fez chegar às nossas mãos as cartas que vamos publicar na íntegra, dado o interesse que o assunto nelas focado merece a todos nós. Recomendamos a sua leitura e, o que mais importa, a observância dos preceitos de higiene que o dedicado* Boavida *aconselha ao seu Compadre* Bonifácio, *na certeza de que, se eles forem cumpridos, disporemos de uma segura arma contra essa maldita doença que é a febre tifoide.*

Casa Branca, 31, Jan. 1946.

Compadre Boavida

Não se pode dizer que a saúde seja boa cá por casa.

Do Verão até agora tem havido sempre gente de cama. E já lá vão 7 meses. Começou pela sua Comadre, e depois foram as raparigas e agora o seu afilhado. Diz o doutor que têm tido febres tifoides.

A Mulher, tive-a à morte, e uma das pequenas também esteve muito mal.

Estou já farto de febres tifoides. E nem sei se eu escaparei sem as ter.

Diz o doutor que talvez tenham pegado a doença uns aos outros. Não me parece, porque então deviam adoecer todos ao mesmo tempo. E não tem sido assim.

Vão caindo doentes os que tratam do que esteve doente antes.

Se souber por aí dalguma benzedura ou remédio que me restitua a saúde à família e faça acabar com esta fiada de doenças cá em casa, muito lhe agradeço que mos ensine.

Cumprimentos nossos para à Comadre e para os pequenos.

Seu Compadre Amigo

*Bonifácio*

Lx.ª 5/2/46.

Amigo e Compadre Bonifácio

Estimo que já tenha voltado a saúde à sua casa e já se achem todos restabelecidos.

A história que me conta das doenças em seguida umas às outras levou-me a falar nela ao nosso doutor que tem fama de muito entendido em moléstias que se pegam, chamadas, por isso, contagiosas.

Disse o Sr. Doutor que nas febres tifoides costuma ser assim.

Um doente vai deixando o mau isco para pegar a doença aos que o tratam ou o visitam, se não se cumprirem certos preceitos.

Parece que o micróbio da doença vem com os excrementos e as urinas do doente, até mesmo quando já está em via de cura.

Entrando pela boca, vai então espalhar-se pelo corpo e gerar o maldito tifo.

Ora, não havendo cuidado, podem os que tratam o doente ir engulindo alguns dos tais micróbios e ficarão em condições de ser atacados por êle.

Daí a necessidade de não se tocar em alimentos, nem em cigarros, e de não se levarem as mãos à bôca sem primeiro as desinfectar e lavar, mesmo só com água e sabão, se não se puderem usar outros desinfectantes, logo a seguir a ter tocado nas mãos do doente, na sua roupa de cama, nas roupas que tem vestidas, nos vasos de cama, etc.

É claro que os excrementos e as urinas do doente devem ser recolhidos em vasos que tenham dentro algum desinfectante, como cloreto, soluto de sublimado, creolina ou lisol, para serem mortos os micróbios malfazejos.

Pelo que o Doutor me disse e lhe tenho estado a transmitir, êstes perigos podem vir de certos alimentos crus — mesmo a água que também é alimento — como as saladas, os agriões, os morangos, os pimentos.

Êstes produtos da terra são estrumados e muitas vezes regados com produtos de nitreiras e estrumeiras, para onde podem ter sido deitadas fezes e urinas não tratadas com desinfectantes e que portanto levam vivos os micróbios.

Devem, por isso, aquêles frutos e legumes ser muito lavados, e só serem comidos depois de, durante algum tempo, terem estado em tempêro em que entra geralmente qualquer desinfectante como o vinagre ou o vinho (nas caldas dos morangos).

Também as fezes e as urinas, onde não haja instalação de esgotos, não devem ser deitadas para o ar livre — estrumeiras ou mesmo para a rua — para não ficarem expostos às moscas. Êstes insectos, vindo de poisar e sugar êsses excrementos, vêm poisar nos nossos utensílios de mesa — copos, guardanapos, talheres — e nos alimentos, e deixam nêles os micróbios que assim traiçoeiramente nos podem infectar.

Esta já vai longa e vou terminar desejando que tenha percebido em que consistem as tais benzeduras de que me fala o compadre, para segurança da saúde da sua gente.

Recomendações nossas para todos os seus e um abraço do seu compadre amigo.

*Boavida*

Casa Branca, 10, Fev. 1946.

Amigo Boavida, meu Compadre

Estimo a sua saúde e a da Senhora Comadre e a dos meninos.

Agradeço-lhe os seus conselhos e explicações a respeito da febre tifoide.

O nosso doutor, que tem tratado os meus doentes, também fêz essas recomendações dos cuidados com a desinfecção e lavagem das mãos. Mas a minha gente, descuidada como é, e não percebendo dessas coisas de micróbios, não tem seguido à risca os tais preceitos. Vejo agora que têm sido vítimas da sua falta de cuidado. Verdade é que assim um inimigo dêsses, que não se vê, não parece lá muito de meter medo, e daí os descuidos.

Já depois de receber a sua carta um camarada nosso falou-me de uma vacina para evitar o tifo, e que a nossa Companhia se prontifica a aplicar aos seus empregados.

O Compadre que é mais entendido do que eu e anda lá perto dos doutores de Lisboa sabe dizer-me que vacina é essa? Eu só tinha ouvido falar na vacina contra as bexigas, que se faz aos moços em pequenos.

Continuo farto de febres tifoides e disposto a fazer tudo para me livrar dessa peste de doença.

Recomendações nossas para a sua família e um apêrto de mão do

Seu Amigo e Compadre

*Bonifácio*

Lx.ª 15/2/1946.

Estimado Compadre Bonifácio

Gostei de ler a sua carta e de saber da sua curiosidade pela vacina contra o tifo.

Não me lembrei de lhe falar nesse remédio na outra carta. É que eu não sabia bem o que isso era. Lembro-me do meu rapaz que foi para os Açôres, como furriel, me ter dito que os militares foram todos vacinados antes de partir para as ilhas. Mas fiquei julgando que era contra as bexigas.

Li-lhe a sua carta e então é que êle me contou que era contra o tifo. Disse-me também que lá na terra da ilha onde êle esteve havia muitos tifos no povo de lá. Mas nos militares — alguns milhares — só houve um que teve febre tifoide. Soube-se depois que êsse soldado se tinha escapado à vacina; esteve tão doente que durante quási três meses a morte lhe rondou a cama.

Depois desta conversa fui ter com um doutor meu Amigo, que me esteve dando boas informações. Disse-me que vacinas são remédios para evitar doenças que se pegam. Não há só a das bexigas. E admirou-se que o Compadre dissesse que esta das bexigas

era só para os rapazes. Disse-me que as vacinas, tal e qual como a das bexigas, têm que ser repetidas de tempos a tempos para não se perder a protecção que elas dão livrando-nos das doenças contra que cada uma é feita.

O doutor louvou muito a iniciativa da C. P. em pôr à disposição dos seus agentes uma arma tão segura contra o tifo.

Disse-me que êle, doutor, e a sua família têm sido vacinados mais duma vez com essa vacina. Explicou-me então que a vacina se faz por meio de uma picada na pele que se repete duas ou três vezes com intervalos de alguns dias. E mais me disse que é muito pequeno o abalo que produzem e êste dura só algumas horas ou quanto muito até ao dia seguinte. Uma pequena inflamação no sítio da picada, algumas vezes uns décimos de grau de febre. Nem tôdas as pessoas sentem êstes abalos. A maior parte não sente nada mais do que a picada. E mesmo que a reacção dê algum incómodo, isso é nada comparado com os incómodos e riscos da doença, sempre longa de muitas semanas, e de que se pode morrer.

Tomei hoje a resolução de me ir vacinar mais a mulher e os filhos.

E assim se completa a defesa contra o tifo, e que compreende os seguintes cuidados, conforme o Compadre terá percebido pelas minhas cartas:

— Vacinação.
— Luta contra a mosca.
— Protecção dos alimentos e utensílios de mesa, contra a mosca.
— Fervura ou filtração de água de poços, fontes ou nascentes, quando não haja, como há para a de Lisboa, um tratamento depurador antes dela ser distribuída aos habitantes.
— Cuidado com os legumes e frutos que criados rasteiramente, possam ter sido regados e estrumados.
— No caso de doentes em casa, todos os cuidados com a desinfecção das fezes, urina, roupas, e desinfecção completa das mãos quando se tenha contacto com o doente ou com aqueles detritos, e roupas do seu uso.

Desejo-lhe, do coração, que a aplicação dêstes preceitos, salve a saúde do Compadre e dos seus, livrando-se do malício tifo.

Abraços de amizade do

Seu Compadre e Amigo

*Boavida*

É necessário que nos conheçamos a nós mesmos e não esqueçamos de que temos corpo e alma, dos quais devemos cuidar.

PASCAL

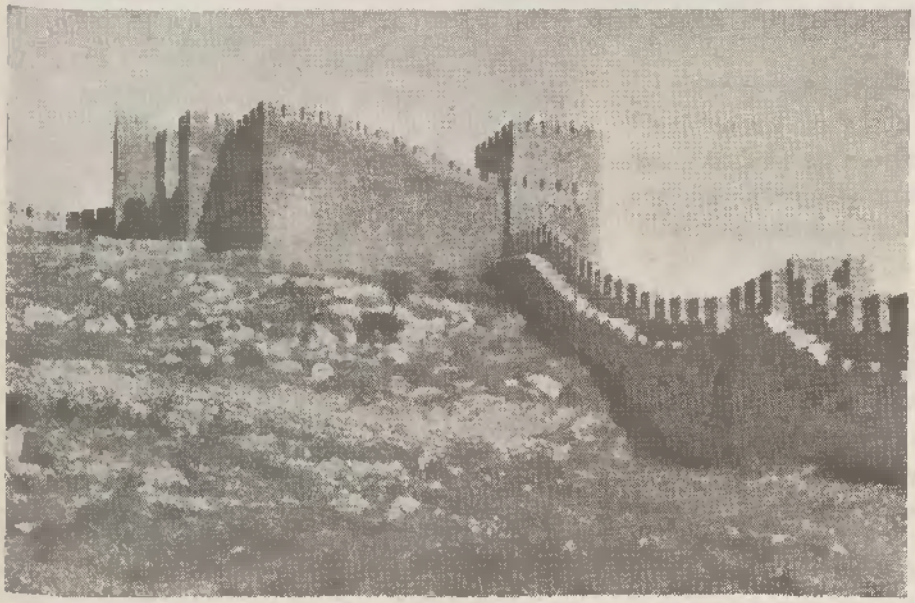
# A TERRA PORTUGUESA

## Um dia em Sesimbra

Pelo Sr. *António Montes*, Adido Técnico da Divisão da Via e Obras

Fui há dias a Sesimbra, a «piscosa Sesimbra» de que fala Camões.

Já a travessia do Tejo, feita no popular «vapor de Cacilhas» tem o seu encanto, pois permite contemplar uma série de panoramas, cujo motivo principal é o casario pintalgado de Lisboa, a galgar as sete colinas preciosas da velha Olissipo.



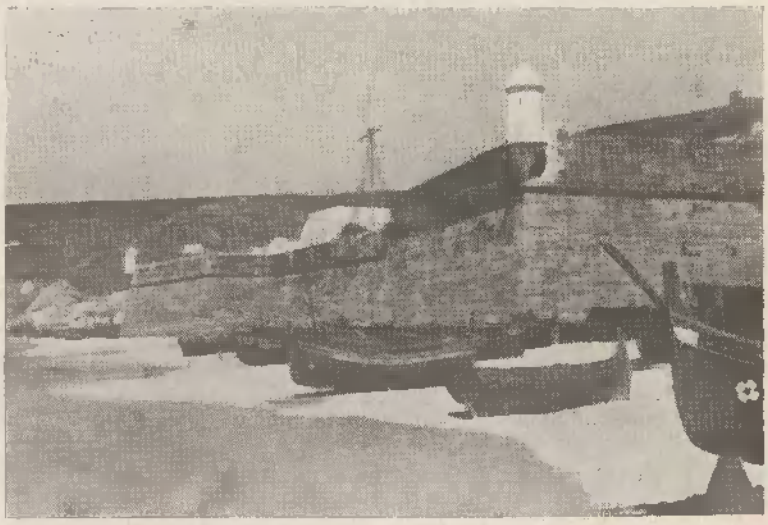
É o Castelo a principal curiosidade da vila...

Avistam-se os rendilhados dos Jerónimos, o gracioso zimbório da Estrela, os miradoiros da Graça e Santa Luzia, as torres marfinadas de S. Vicente, a fachada solene da Sé Catedral, e lá em cima, no alto, as muralhas doiradas do Castelo de S. Jorge recordam a história brilhante da Capital do Império.

O barco corta águas azuladas. As gaivotas bailam em volta. As velas brancas das fragatas deslizam pelo rio abaixo, e para o lado do mar, recortam-se as praiazinhas alegres da linha de Cascais.

No ceu, desenha-se a magestosa Torre de Belém, padrão evocador dos descobrimentos, e mais longe, o Castelo da Pena ergue-se donairoso e imponente.

Quando menos esperamos, estamos no pontal de Cacilhas, onde o borborinho, aos domingos, é já tradicional. Dezenas de automóveis,



Sesimbra, a «piscosa Sesimbra», de que fala Camões...

O Castelo de Sesimbra visto da estrada

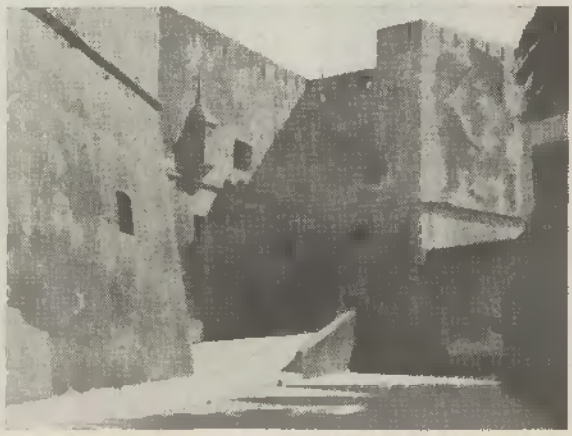
muitas caminhetas, e centos de pessoas, de farnel em punho, procuram fugir à cidade, refugiando-se na Trafaria, Caparica, Almada e Setúbal.

A estrada cruza a povoação de Cova da Piedade, e dentro em pouco proporciona-se um quadro interessantíssimo com o Alfeite à beira de água, emoldurado por pinheirais. Minutos depois a estrada começa a descer, e ao fundo, o mar azul, dum azul lindíssimo que lembra o Mediterrâneo.

No alto dum morro, avistam-se as muralhas enegrecidas dum castelo — monumento nacional erguido pelos Serracenos a 333 metros de altitude —, e em baixo, a enseada de Sesimbra, abrigada pelos cerros da Assenta e do Guincho.

Ao que nos dizem, já no tempo dos romanos existia esta povoação, que tinha o nome de «ZAMBRA», tendo sido nos campos de Sesimbra que as tropas de D. Afonso Henriques derrotaram o rei mouro de Badajoz.

Reedificada a vila por D. Sancho, que lhe deu foral, foi D. Dinis quem criou o concelho de Sesimbra, por possuir uma coroa e um cetro magníficos, feitos com ouro encontrado nas areias de Almada e Sesimbra!



Entrada da Fortaleza de Outão na península da Arrábida

Trecho das muralhas e Castelo de Sesimbra

*

É o castelo a principal curiosidade da vila.

Vale a pena trepar a áspera encosta, para disfrutar o Atlântico, desde a baía de Sines à de Cascais. E para o lado da terra, têm interesse os panoramas do Tejo com as alturas da Arrábida e de Palmela a emolduraremm um dos quadros mais famosos da nossa terra.

No alto dum morro, avistam-se as muralhas enegrecidas dum Castelo...

Junto da cisterna do Castelo, vêem-se ainda restos das paredes da antiga Casa da Câmara e a Igreja de Nossa Senhora do Castelo, construção do século XII onde se guarda uma curiosa imagem da padroeira.

Cá em baixo, na vila, não deve perder-se a visita à Misericórdia, onde existe um belo painel atribuído à Garcia Fernandes, tendo tambem interesse o retábulo e as quatro pinturas da capela-mor e ainda uma boa escultura do Senhor Jesus das Chagas. Aconselhável a visita à Igreja Matriz, vasto templo de três naves com dourados nas colunas.

Mas o melhor de Sesimbra é a série de panoramas, verdadeiramente maravilhosos, que se disfrutam, não só do Castelo, mas da Cruz do Calvário e da ponta de S. Teodósio.

Vale a pena ir a Sesimbra, para gozar as aguarelas deliciosas que se observam por entre as ameias do castelo, quadros sugestivos, que a dois passos de Lisboa, continuam ignorados.

Dum lado, o mar azul e do outro, a terra, salpicada de verdes e vermelhos, estende-se por altos e baixos, crescendo nas alturas formosíssimas da Arrábida:

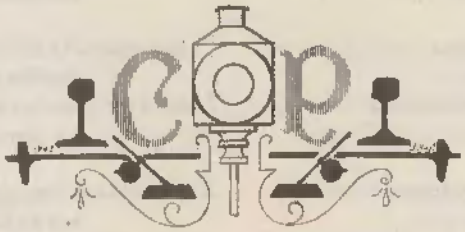
> «Alta serra deserta donde vejo
> as águas do Oceano duma banda
> e da outra, já salgadas, as do Tejo».

Ao entardecer, chegamos a Cacilhas. O espetáculo é duma beleza rara, parecendo que tudo se conjuga para nos dar sensações emocionantes.

Os barcos, as fragatas, os vapores, a casaria, as gaivotas, as serras, as muralhas, desenrolam-se a nossos olhos como um documentário precioso. Mas o que mais sentimos, o que mais admiramos, é a tranquilidade da tarde, o azulado do ceu e a luminosidade das águas de prata sulcadas noutro tempo pelas caravelas da Epopeia.

Que linda, a nossa Terra!

*As fotografias que ilustram este artigo são de autoria do Sr. Eng.º Frederico Abragão.*



# Digressão literária

*Os dois sonetos inéditos que a seguir publicamos são da autoria da Sr.ª D. Maria Dinis Martins, Esposa do Chefe da estação de Marvão-Beirã, Sr. José Martins.*

## A Minha Terra

(Condeixa)

Oh! minha Terra linda bem amada!
Doce vergel de rosas e alecrim;
Meu berço em flor, de lírios e jasmim...
Oh! minha Terra linda perfumada!

Que lindas jóias, tens no teu regaço...
Nobre fidalga, de nobreza antiga;
Em teus brazões ostentas doce amiga
A par da glória, o esforço do teu braço!

Quando vèlhinha eu vier tremente
— Acolher-me na hora derradeira —
Buscar em ti o meu final abrigo...

Eu morrerei então suavemente
Como se extingue a luz duma candeia...
Oh! minha Terra, no teu solo amigo!

## Os Moinhos

Sentinelas da noite, vigilantes,
Sobre os montes murmuram debruçados,
Seus místicos segredos soluçados,
De sol, a sol, girando palpitantes!

Heróis lendários, velas sempre ao Vento...
Lembram os monges — de burel vestidos;
Braços aos Ceus, em súplicas, erguidos...
Ai! tão vèlhinhos... tanto, como o Tempo!

Triturai... triturai... o pão dos pobres...
Desmantelados... velas em farrapos...
Almas feridas de guerreiros nobres;

Saudosas caravelas lá dos montes,
Oh, torturadas velas, velhos trapos...
Alevantai-vos, descaídas frontes!...

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

*O Sr. Francisco Pereira Rodrigues, Chefe de Repartição do Serviço de Saude e de Higiene, é autor de um livro recente intitulado, «Mandamentos — da saude; da civilidade; do triunfo»; variadíssima e interessante colectânea de conselhos (adaptados a mandamentos) sobre higiene, arte de conservar a mocidade, regras para evitar e combater doenças, arte de saber viver, orientação profissional e incitamento à luta pela vida.*

*A seguir publicamos o introito intitulado*

## VIAGEM MARAVILHOSA

Zé acordou, à tarde, à sombra dum arbusto,
após a longa sesta.
E só, sem vacilar, novo, audaz e robusto,
seguiu para a floresta.

Depois de atravessar a mata perigosa
onde uivavam as feras,
escalando a montanha agreste e penhascosa
atingiu as crateras.

Viu em baixo, ao redor, aldeias e cidades,
moinhos e pinhais.
Escondia-se o sol no mar, em claridades
de auroras boreais.

Soou um sino ao longe. E, findas do trabalho
suas missões divinas,
quedou-se o arado, a foice, a serra, a lima, o malho,
nos campos e oficinas.

Caía a noite. O Zé, com arrojo inaudito,
desceu sombria furna.
Lumes de mundos mil riscavam o infinito
na escuridão nocturna.

Na descida notou que das trevas surgia
luz cada vez mais clara.
Súbito, deparou-se-lhe uma escadaria
de mármore de Carrara.

Desceu por ela e, aberta então, de par em par,
porta de oiro e marfim,
num enorme salão de riquezas sem par
o Zé entrou, por fim.

Ao fundo, uma frondosa árvore de Ciência
erguia enormes galhos.
E, sob a sua copa, a velha Consciência
urdia seus trabalhos.

Ao ver o Zé sorriu. — «Anda cá, meu rapaz.
Que fazes?... Passas bem?...»
— «Assim, assim... mas sei que não serei capaz
de ser um dia alguém.

Monte do Sacrifício e negro vale do Medo
eu consegui transpôr
para vir confessar-te aqui, muito em segredo,
que a vida mete horror.

Sempre a mesma canseira e sempre o mesmo anseio!
Sempre a dor a roer!
Há miséria, há perfídia, há tragédia, há receio!...
Vale a pena viver?!»

Logo uma gargalhada, hercúlea e estridente,
ecoou pelo salão.
E a velha Consciência, erguendo-se, imponente,
assim falou então:

— «Deus — força, inteligência e matéria — a trindade
que fez o Universo
cheio de constelações, que dão a claridade
a tudo o que há, disperso

e se mantém, eterno, a gravitar no espaço,
em veloz andamento;
que fez o Sol, a Terra, a água, a rocha, o aço,
aves, plantas e vento;

que os planetas encheu de almas em embrião
a animar seres humanos
que nascem e se vão, numa renovação
que dura há milhões de anos,

ao homem deu o dom divino de pensar
— o raciocínio, a ideia
que o pôs a discorrer, produzir, inventar
desde a choupana, a aldeia,

cinema, arranha-céus, telefonia, avião
(que vai ser astronómico),
p'nicilina, radar, depois televisão
e, enfim motor atómico!

Materializa-se assim o nosso pensamento
Ideia a germinar
faz cântico, faz pão, faz luz, faz monumento
— faz tudo o que sonhar!»

O Zé, de boca aberta, extáctico, pasmado,
deduzia uns exemplos,
até que ouviu, após silencio demorado:
— «Anda, vem ver os templos...»

E foram. Pavilhões de estilo oriental,
num clarão multicor,
davam exposição vasta e paradoxal
de beleza e terror.

No primeiro que viu, chamado «O alcoolismo»,
numa cena boémia,
um bêbedo demente, em feroz paroxismo,
profere uma blasfémia!

No pavilhão seguinte, intitulado «O jogo»,
um rapaz, num casino,
em frente da roleta, empunha arma de fogo
— a fugir ao destino!

Num outro pavilhão, designado «O tabaco»,
num quarto de dormir,
viu um pobre doente, esquelético e fraco,
a fumar e... a tossir!

Na ala esquerda só viu cenas da história antiga:
«A mandriice», a «A ira»,
«A luxúria», «O egoísmo», «A inveja», «A intriga»,
«A gula» e «A mentira».

Nos outros pavilhões, do lado oposto aos rudes
quadros de lobisomem,
Zé contemplava agora as cenas das virtudes
que dignificam o homem.

Soltava exclamações! E, sorrindo, a Consciência,
ante cada figura,
dizia: — «Olha: «Comércio», «Arte», «Ofícios», Ciência»,
«Indústria», «Agricultura»...

Se os homens como tu, que Deus deitou ao mundo,
despertassem um dia;
se dessem ao Trabalho um sentido jucundo
sem medo ou letargia;

se tivessem bondade, alegria, optimismo,
persistência a lutar;
se fugissem do vício assim como do abismo;
se soubessem sonhar;

se deixassem de andar irritados, absortos,
com asco à profissão;
se soubessem viver, praticassem desportos
— alma sã, corpo são —

ah! veriam sumir-se o tormento constante
de quem não tem dinheiro,
essa mola real, esse valor errante
senhor do mundo inteiro!»

O Zé ouviu, ouviu, e interrogou por fim:
— Consciência, tu juras
que eu, misero mortal, poderei, inda assim,
atingir as alturas?... »

— «Juro, sim, meu rapaz! Leva estes «Mandamentos»
para ler, decorar,
e o milagre verás sair dos pensamentos
que te vão inspirar».

*

Vinha rompendo o dia — aleluia no céu
em feérico clarão —
quando alegre, a cantar, o Zé apareceu
sobre o extinto vulcão.

Olhou de novo, em volta, o mesmo panorama,
mas agora já certo
de que a sorte — saúde, amor, fortuna e fama —
não está longe nem perto:

nasce dentro de nós, traça nosso destino!
De alma fortalecida,
Zé desceu a montanha a murmurar um hino
que era oração à Luz, que era oração à Vida!

# *Factos e Informações*

## Homenagem a um maquinista da Companhia

Por um grupo de passageiros do comboio n.º 1325 do dia 15 de Dezembro passado, foi prestada homenagem ao maquinista de 3.ª classe Sr. Francisco Vicente, seu tripulante, pela coragem, serenidade e alto sentimento do dever profissional por ele demonstrados no choque do referido comboio com uma locomotiva em manobras na estação de Campolide.

A esta cerimónia, realizada na Escola Profissional de António de Vasconcellos Corrêa, associou-se a Companhia. Em nome da comissão organizadora, o Sr. Artur Simões entregou ao homenageado um donativo e uma mensagem subscrita por passageiros do referido comboio, na qual se prestava homenagem às suas qualidades profissionais.

Por último, o Sr. Vasco Moura, Secretário da Direcção, depois de enaltecer o feito do homenageado, comunicou que a Administração da Companhia o tinha louvado e premiado.

## Inauguração de um curso profissional no Sindicato Nacional dos Ferroviários do Sul

Por iniciativa do Sindicato Nacional dos Ferroviários do Sul (Oficinas), inaugurou-se no Barreiro, no dia 7 de Janeiro, um curso de instrução profissional.

Ao acto inaugural, presidiu o Sr. Presidente da Câmara Municipal, em representação do Sr. Governador Civil, ladeado pelos Srs. Vasco Moura, Secretário da Direcção, que representava o Director da Companhia, Dr. João das Neves, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, e Eng.º Valentim Bravo, das Oficinas do Barreiro.

Usaram da palavra o Presidente do Sindicato, Sr. João Monteiro Júnior, e o operário das Oficinas Gerais Sr. Miguel Emílio Ferro, que se referiram à finalidade do curso inaugurado e ao seu significado social.

Por último falaram o Sr. Vasco Moura e o Sr. Presidente da Câmara Municipal, que tiveram palavras de apreço pela iniciativa realizada.

# O QUE É O MUNDO

Pelo Sr. Dr. *Alexandre Galrão*, Chefe da 7.ª Secção da Via

III

ESTUDAREMOS hoje os movimentos da Terra.

Nos primeiros tempos da humanidade julgava-se erradamente que a Terra estava fixa no espaço e que os outros astros é que giravam em volta de nós.

Por aturados estudos chegou-se porém à conclusão contrária: o Sol e as estrelas estão fixos e somos nós que giramos em volta do Sol, tendo além disso a Terra um outro movimento em volta do seu eixo.

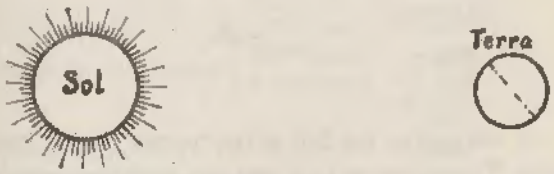



Fig. 1

Ao primeiro destes movimentos, chama-se de *translação;* ao segundo, de *rotação.*

Vejamos os fenómenos a que dão lugar estes dois movimentos e comecemos pelo de rotação, que é o mais simples:

A Terra girando em torno do seu eixo (movimento semelhante ao dum peão) e estando o Sol fixo, dá lugar aos dias e ás noites, sendo dia na parte da Terra que está voltada para o Sol e noite na parte contrária. Esta volta completa da Terra leva 24 horas e se o dia não é sempre igual à noite em todos os lugares da Terra é porque o seu eixo está inclinado sobre o Sol, como indica a fig. 1.

Se a Terra estivesse como indica a fig. 2, os dias seriam sempre iguais às noites em toda ela e durante todo o ano.

Na fig. 3 é representado o movimento de translação com a posição da Terra em 4 dias do ano: 21 de Março, 21 de Junho, 22 de Setembro e 21 de Dezembro, respectivamente os começos da Primavera, Verão, Outono e Inverno. Como uma volta completa em torno do Sol não leva precisamente um ano do nosso calendário mas 365 dias e 6 horas, sucede que ao fim de 4 anos o calendário está atrasado, em relação à posição da Terra, um dia. Essa a razão dos anos bissextos em que o mês de Fevereiro tem mais um dia.

Pela mesma figura se verifica que a Terra no verão está no ponto mais afastado do Sol, e que pelo contrário, no inverno, está no ponto mais próximo, o que parece estar em contradição com o clima que disfrutamos nessas duas estações. O caso explica-se se atendermos a que a distância do Sol à Terra é tão grande que as diferenças de posição nos dias 21 de Junho e 21 de Dezembro não podem influir na temperatura dos raios solares sobre a Terra, mas que é a maneira como esses raios incidem sobre ela, que provoca a diferença de clima entre as duas estações de verão e inverno.

Sucede mesmo que as temperaturas de 21 de Junho a 22 de Setembro são maiores apenas no hemisfério que habitamos ou seja a parte norte da Terra e nesse mesmo período são mais baixas na parte sul, razão por que quando temos na Europa calor, o Brasil atravessa a estação mais fria e vice-versa.

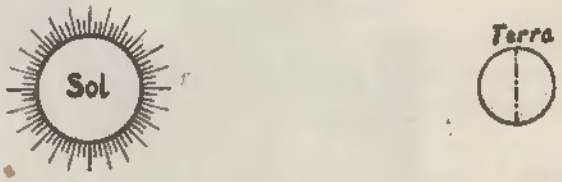



Fig. 2

Toda a gente tem verificado que estando-se, por exemplo, em frente da boca dum forno o calor é muito superior ao que se recebe se se estiver ao lado; o mesmo acontece

com os habitantes da parte norte da Terra que de 21 de Junho a 22 de Setembro recebem o Sol mais de frente do que, por exemplo, de 21 de Dezembro a 21 de Março (fig. 3).

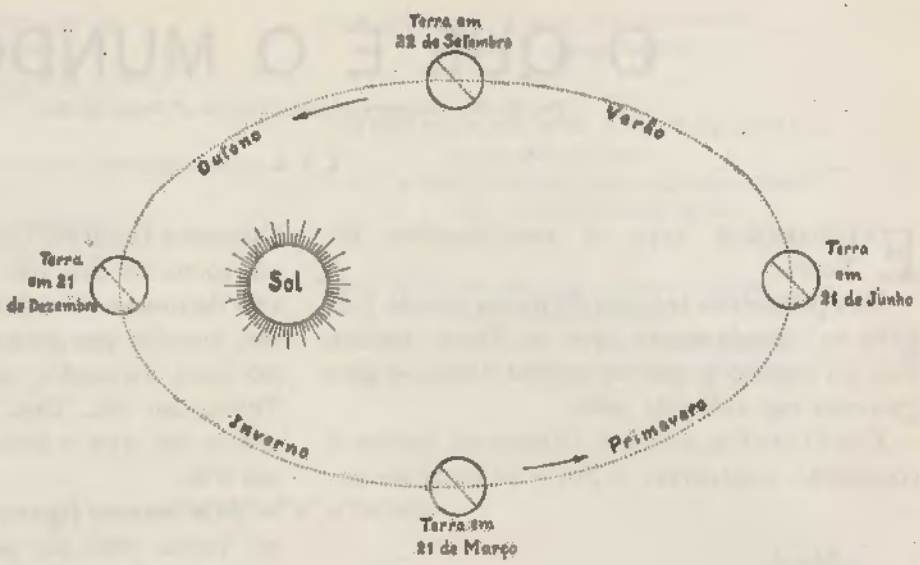



Fig. 3

Poderemos comparar estes dois movimentos da Terra com o de dois dançarinos que valsando em torno duma sala e rodando sobre eles próprios, executam movimentos semelhantes aos do nosso Planeta. É curioso notar que a distancia do Sol à Terra é igual a 23.400 vezes o raio da Terra e a sua luz leva 8 minutos a cá chegar. Isto é, a luz do Sol que em dado momento nos alumia é aquela que foi emitida pelo astro 8 minutos antes de a recebermos (*).

O diâmetro do Sol é 109 vezes maior que o da Terra, ou seja 1.390.447 quilómetros, e o seu volume é 324.000 vezes maior que o da Terra.

(*) *A velocidade de transmissão da luz é, aproximadamente, de 300.000 quilómetros por segundo.*

Lamego — Santuário de N. S. dos Remédios — *Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves*

# Consultas e Documentos

## CONSULTAS

### Tráfego e Fiscalização

**Tarifas:**

*P. n.º 907* — Peço me diga se está certo o seguinte processo de taxa:

Transporte, em pequena velocidade, de Vila Franca de Xira para Beja, de um vagão com sacos com arroz descascado, peso 10.000 Kg.

Carga e descarga a efectuar pelos donos.

**Antiga Rede** — 97 Km. — T. 14

| | | | |
|---|---|---|---|
| Preço 3$03 × 6 × 10 | | 181$80 | |
| Comp. do imp. ferrov. | Selo 5,05 % | 9$19 | |
| | Assistência | $15 | |
| | | 191$14 | |
| Adicional de 10 % | | 19$12 | |
| Manutenção 3$50 × 10 | | 35$00 | |
| Registo | | 1$50 | |
| | | 246$76 | |
| Arredondamento | | $04 | 246$80 |

**Sul e Sueste** — 98 Km. — T. 10

| | | |
|---|---|---|
| Preço 2$84 × 6 × 10 | 170$40 | |
| Selo 5,05 % | 8$61 | |
| | 179$01 | |
| Adicional de 10 % | 17$91 | |
| | 196$92 | |
| Adicional de 5 % | 9$85 | |
| Manutenção 3$50 × 10 | 35$00 | |
| Aviso de chegada | 5$00 | |
| | 246$77 | |
| Arredondamento | $03 | 246$80 |
| | | 493$60 |

*R.* — Está errado. Segue discriminação como corresponde:

**Antiga Rede** — 97 Km. — T. 20

| | | |
|---|---|---|
| Preço 23$20 × 10 | 232$00 | |
| Manutenção 3$50 × 10 | 35$00 | |
| Registo | 1$50 | 268$50 |

**Sul e Sueste** — 98 Km. — T. 14

| | | |
|---|---|---|
| Preço 21$60 × 10 | 216$00 | |
| Manutenção 3$50 × 10 | 35$00 | |
| Aviso de chegada | 5$00 | 256$00 |
| | | 524$50 |

## DOCUMENTOS

### I — Tráfego

**Tarifa Especial Interna n.º 10 — G. V.** — Prevê preços e regula as condições de transporte, em G. V., das remessas de detalhe constituídas por frutas frescas de mesa, hortaliças, legumes verdes, leite, manteiga, nata e queijo, em determinados percursos.

**11.º Aditamento à Tarifa Especial n.º 8/108 — G. V.** — Estabelece que as remessas, ao abrigo desta Tarifa, procedentes das estações de Sampaio-Oleiros até Águeda e destinadas às situadas ao sul da de Aveiro, pagam os preços correspondentes a uma só Empresa.

**4.º Complemento a Tarifa de Camionagem** — Transportes entre a estação de Muge e os Despachos Centrais de Salvaterra de Magos e Benavente.

**16.º Complemento à Tarifa de Camionagem** — Transportes entre a estação de Castelo Branco e os Despachos Centrais de Sarzedas, Sobreira Formosa e Proença-a-Nova.

### II — Fiscalização e Estatística

**Comunicação-Circular n.º 326** — Dá esclarecimentos sobre os prazos para a carga e descarga de vagões, retirada de remessas e cobranças dos respectivos estacionamentos e armazenagens.

**Comunicação-Circular n.º 327** — Reproduz o novo modelo de passes, D 152-bis, em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1946.

**Comunicação-Circular n.º 328** — Reproduz os espécimes dos cartões de identificação para portador de bónus ou passe e dos anexos fornecidos com os mesmos.

**Comunicação-Circular n.º 329** — Refere-se à distribuição das novas tabelas de preços dos bilhetes da Tarifa Geral e do imposto ferroviário com relação à Tarifa Geral de Trasportes — Título I — Passageiros.

**Carta-Impressa n.º 396** — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados no mês de Outubro p. passado e que devem ser apreendidos.

**Carta-Impressa n.º 397** — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados no mês de Novembro p. p. e que devem ser apreendidos.

# A nossa casa

## Conselhos às mulheres dos ferroviários

Uma companhia europeia de Caminhos de Ferro distribuiu às mulheres dos seus empregados um documento com os seguintes conselhos:

1.º — Prepara para o teu marido um lar feliz, em que possa encontrar de verdade o repouso depois do trabalho.
2.º — Dirige a tua casa com ordem e pontualidade, qualidades a que teu marido está habituado no serviço.
3.º — Prepara as coisas para que ele possa partir a tempo e sem precipitação para retomar o trabalho a hora exacta.
4.º — Evita incomodá-lo com coisas desagradáveis, pelo menos nos cinco minutos anteriores ao regresso ao serviço.
5.º — Vela pelos teus filhos e ensina-lhes a conhecer e a evitar os perigos da rua.
6.º — Espera o teu marido ao regressar do trabalho, sem requintes, mas limpamente vestida, afectuosa e de bom humor.
7.º — Vela pelo seu repouso se tem de dormir de dia.
8.º — Se tiveste uma discussão com ele não esperes que o Sol se ponha para se reconciliarem.
9.º — Aconselha-o, se for preciso, a moderar-se no consumo do alcool.
10.º — Sê corajosa nos dias maus, ao lado do teu marido.

Estes dez conselhos deverão ser seguidos não só pelas mulheres dos ferroviários, mas também por todas as mulheres casadas.

## Fumar

Entre nós, raro é o homem que não fuma.

Antigamente não se fumava diante das senhoras.

Hoje ainda, na rua, numa sala ou em viagem, o homem pede naturalmente às senhoras licença para fumar.

Incomoda-a o fumo, minha senhora?

Mesmo que esse fumo a incomode, ela responderá: — absolutamente nada!

Só quando por motivo de doença, o fumo a possa prejudicar, a senhora poderá responder: — creia que sinto muito privá-lo desse prazer mas receio que o fumo me faça mal.

De resto, o homem bem educado nem sequer pede licença para fumar a uma pessoa doente.

## O sorriso

As diversas manifestações de delicadeza, duplicam de valor, quando feitas com graça e com agrado.

O seu mais gracioso complemento é o sorriso.

O sorriso atrai a simpatia, completa o gesto e assegura a popularidade.

O sorriso suaviza uma recusa, atenua a dureza de uma frase mais áspera.

Sorrir não é franzir os lábios.

Sorrir é um descerrar gracioso dos lábios, que ilumina a fisionomia e dá ao olhar um rápido fulgor.

Deve ser natural para ser atraente.

O sorriso pretensioso é detestável.

O sorriso protector é tudo quanto há de menos delicado.

Deve haver cuidado em não destruir, com a ironia ou a impertinência do sorriso, o gesto delicado do cumprimento.

# Pessoal

## Agentes que praticaram actos dignos de louvor

**João Jorge das Neves**
Distribuidor

O Distribuidor de 1.ª classe do Armazém de Alcântara, João Jorge das Neves, em 27 de Setembro findo apreendeu 57 quilos de sucata que haviam sido roubados das tulhas existentes no Armazém de Alcântara.

---

Por motivo do violento temporal que assolou o País em 29 de Novembro p. p., produziu-se um rombo na linha do Sul, junto à ponte de Sabóia. Nos trabalhos de reparação da linha, distinguiram-se os agentes abaixo indicados, pelo que foram gratificados pecuniàriamente:

João Victor da Silveira, Chefe de brigada; Manuel Baptista Romão, Chefe de lanço de 2.ª classe; Raimundo Libreiro, Operário de 1.ª classe; Anibal Martins Cheta, Operário de 6.ª classe; Manuel Simões Lopes, Operário de 6.ª classe; João Pedro, Ajudante; Eurico Mendes Eugénio, Ajudante auxiliar; Manuel Maria Pereira, Ajudante; António Rodrigues Júnior, Chefe do distrito n.º 230; Francisco Martins Faria, Sub-Chefe do distrito n.º 230; José Francisco Coelho, Sub-Chefe do distrito n.º 229; José Guerreiro Rodrigues, Assentador do distrito n.º 230; Sebastião Martins Simões, Assentador do distrito n.º 230; Francisco de Oliveira, Assentador do distrito n.º 229; António Afonso, Assentador do distrito n.º 229; António Mendes Parreira, Assentador do distrito n.º 229.

*Por absoluta falta de espaço não nos é possível publicar as fotografias destes Agentes.*

## Agentes que obtiveram diploma de prémio ou de mérito

### VIA E OBRAS

Em Dezembro

Manuel dos Santos, Sub-Chefe de distrito e Sebastião Glória, Assentador.

Premiados pecuniàriamente por se terem classificado com 15 valores, respectivamente, nos exames para Chefes e Sub-Chefes de distrito.

## Exames

### VIA E OBRAS

Em Dezembro

#### Sub-Chefes de distrito que fizeram exame para Chefes de distrito e que foram aprovados

Manuel dos Santos, 15 valores; António José Piteira e Manuel G. Fulgêncio, 14 valores; Sebastião G. Rebordão, António Conceiro e António Mendes, 13 valores; José Joaquim Lopes e Manuel M. Lázaro, 12 valores; Feliciano Neves Mira, 11 valores; José Maria e Serafim José, 10 valores.

#### Assentadores que fizeram exame para Sub-Chefes de distrito e que foram aprovados

Sebastião Glória, 15 valores; Domingos António, 14 valores; Francisco Romão, Manuel Fernandes, José Sousa Barbeitos e Luís C. Fernandes, 12 valores; António R. Vieira, 11 valores; José Pratas, José Filipe Rosa, Almeida Calixto e António S. Franganito, 10 valores.

## Nomeações

### SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Em Dezembro

**Empregada de 3.ª classe**: A Dactilógrafa adventícia, Maria Manuela Pereira Marques.

### SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Novembro

**Empregado de 3.ª classe**: António Nunes.

## AGENTES QUE COMPLETARAM 40 ANOS DE SERVIÇO

**José Sequeira Quintas**
Inspector de Serviço Geral
Nomeado Factor de 3.ª classe, em 14 de Fevereiro de 1906.

**Duarte A. da Silva Matos**
Sub-Chefe de Repartição
Nomeado Escriturário auxiliar, em 1 de Janeiro de 1906.

**Jacinto Pereira Cardoso**
Chefe de Escritório de 3.ª classe
Admitido como Expedidor de materiais em 1 de Janeiro de 1906.

**Adelino Duarte**
Chefe de Maquinistas
Admitido como Aprendiz, em 14 de de Fevereiro de 1906.

**Valentim de Oliveira**
Empregado de 1.ª classe
Admitido como Servente, em 1 de Fevereiro de 1906.

**Abel Marcelino Dias**
Telegrafista Principal
Nomeado Telegrafista de 3.ª classe, em 1 de Janeiro de 1906.

**João Roma**
Assentador
Admitido como Assentador, em 21 de Fevereiro de 1906.

### VIA E OBRAS

Em Outubro

**Guardas de P. N.:** Conceição do Carmo Correia, Maria Emília Alves Carraca, Maria Rosa Nunes, Mariana Luisa Balbina, Maria Joaquina, Arminda Dias Marques, Maria da Silva Gomes, Georgina de Jesus Conceição, Maria José dos Santos, Herminia de Jesus Barbosa, Júlia de Jesus Lopes, Maria Júlia Marques, Olívia das Dores Pedro e Palmira da Conceição de Jesus.

Em Dezembro

**Assentador:** Albino Caetano de Matos.

## Mudanças de categoria

### VIA E OBRAS

Em Dezembro

Para:

**Condutor de dresinas, de 2.ª classe:** o Assentador do distrito n.º 4/13.ª, Faustino Guerreiro.

## Dispensas do Serviço

### SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Dezembro

**Médico da 41.ª Secção**, com séde em Juncal: Dr. Manuel Soares Monteiro, por ter atingido o limite de idade.

## Demissões

### SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Novembro

**Enfermeiro de 3.ª classe**: Tito Alberto de Oliveira Soares, a seu pedido.

## Reformas

### SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Outubro

*Mário Luís da Guerra Santos*, Empregado principal.

### EXPLORAÇÃO

Em Novembro

*Manuel de Oliveira*, Carregador, de Monção.

Em Dezembro

*José Gonçalves da Costa*, Capataz de 2.ª classe, de Barreiro.

*José Antunes Pombo*, Agulheiro de 2.ª classe, de Setil.

*José Ascensão Gante*, Guarda de estação, de Pombal.

*Alexandre Raimundo*, Guarda de P. N., de Évora.

*Joaquim Mendes*, Carregador, de Pombal.

*Manuel Rodrigues Pereira*, Carregador, de Lisboa P.

### MATERIAL E TRACÇÃO

Em Dezembro

*Camilo Gomes de Araujo*, Limpador.

*Manuel Correia*, Limpador.

### VIA E OBRAS

Em Dezembro

*Vitorino Fernandes*, Chefe do distrito n.º 400, Campanhã.

*Francisco Palma*, Assentador do distrito n.º 217, Alvito.

*Conceição de Jesus*, Guarda do distrito n.º 52, Vermoil.

*Justina de Jesus*, Guarda do distrito n.º 242, Tavira.

## Falecimentos

### SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Dezembro

† *Dr. João Casimiro Barbosa*, Médico substituto, da Assistência do Porto.

† *Dr. Domingos Rosado Vogado*, Médico da 63.ª Secção, com sede em Reguengos de Monsaraz.

Sagres — Algarve — Interior da Fortaleza

## EXPLORAÇÃO

### Em Dezembro

† *Galiano Trindade da Silva*, Inspector da 8.ª Secção de Serviço Geral.

Admitido como Praticante de factor em 6 de Junho de 1904, foi nomeado Aspirante em 1 de Agosto de 1906 e promovido a Factor de 3.ª classe em 1 de Janeiro de 1907.

Depois de transitar por diversas categorias foi promovido a Sub-Inspector em 1 de Novembro de 1938 e finalmente a Inspector em 1 de Janeiro de 1943.

† *António Jacinto de Paiva*, Chefe de Secção dos Serviços Gerais.

Admitido como Escrevente provisório em 2 de Novembro de 1908, foi nomeado Escrevente efectivo em 25 de Abril de 1910.

Depois de transitar por diversas categorias foi promovido a Chefe de Secção em 1 de Janeiro de 1935.

† *Martinho Ferreira de Almeida*, Chefe de 3.ª classe, de Gaia.

Admitido como Praticante de factor em 6 de Maio de 1909, foi nomeado Aspirante em 31 de Dezembro do mesmo ano e promovido a Factor de 3.ª classe em 1 de Agosto de 1910.

Depois de transitar por diversas categorias, foi promovido a Chefe de 3.ª classe em 1 de Janeiro de 1928.

† *Abílio Carlos Figueira*, Guarda-freios de 3.ª classe, de Campanhã.

Admitido como Carregador eventual em 26 de Dezembro de 1917, foi nomeado Guarda-freios de 3.ª classe em 1 de Janeiro de 1928.

## MATERIAL E TRACÇÃO

### Em Dezembro

† *José de Paiva Dias*, Empregado Principal, no Serviço de Material Circulante.

Admitido ao serviço em 26 de Março de 1923, como Praticante de escritório foi nomeado Empregado de 3.ª classe em 7 de Novembro de 1924 e promovido a Empregado Principal em 1 de Julho de 1940.

† *João Marante*, Limpador, do Depósito de Entroncamento.

Admitido ao serviço em 15 de Julho de 1926, como Limpador suplementar, ingressou no quadro em 1 de Junho de 1928 com a mesma categoria.

## VIA E OBRAS

### Em Novembro

† *Teodoro Fernandes*, Chefe de brigada das Obras Metálicas.

Admitido como Funileiro auxiliar em 21 de Julho de 1905, foi promovido a Canalizador em 21 de Abril de 1913.

Depois de transitar por diversas categorias foi promovido a Chefe de brigada em 1 Abril de 1943.

† *Maria de Jesus Romana*, Guarda do distrito n.º 241, Luz.

Admitida como Guarda em 16 de Maio de 1929.

### Em Dezembro

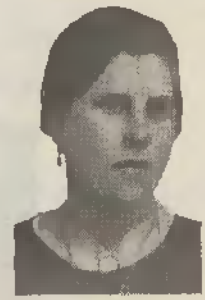
† *Floreana da Conceição*, Guarda do distrito n.º 55, Soure.

Admitida como Guarda em 21 de Janeiro de 1910.

† Galiano Trindade da Silva
Inspector de Serviço Geral

† António J. de Paiva
Chefe de Secção

† José de Paiva Dias
Empregado Principal



† Maria de Jesus Romana
Guarda de distrito

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

12 — Um passarinho *implume* vale, para sua mãe, mais que *nenhum* outro tesouro do mundo.

* * *

**Duplas:**

13 — Nem todo o *gracejo* é motivo para *caçoada* — 3.

*

14 — Não açules mais o cão. Está no *auge* da ferocidade e corre o perigo de ser atacado de *raiva* — 2.

* * *

**Novíssimas ou aditivas:**

15 — Quem no *cajado tenha mão* não figura no *rol* dos espancados — 1-1.

*

16 — *Atribua* a si uma *grande quantidade* de sapiência e dê ao *demónio* a modéstia — 1-1.

*

17 — Do *imposto* dum desordeiro não se livra *qualquer* a não ser pela *astúcia* — 2-2.

*

18 — *Progride*, preste atenção ao *que lê* e verá como adquire mais *forte* compreensão da vida — 1-2.

19 — A *aparência* ilude; nem sempre uma *coisa insignificante* se deve avaliar pelo seu *volume* — 1-1.

*

20 — Não aproveitaste a *abundância* da água das chuvas e isso foi um *erro* porque só podes semear arroz num *terreno alagadiço* — 1-2.

---

De harmonia com o sorteio realizado nas condições enunciadas no *Boletim* n.º 196, de Outubro findo, os prémios enumerados no *Boletim* n.º 198, de Dezembro, couberam aos solucionistas que constam do quadro seguinte:

| Pseudónimo | Terminação premiada | Prémio |
|---|---|---|
| Sécora | 877 | 4.º trim. — 1943 |
| Manelik | 444 | 1.º » — 1944 |
| A. Fernandes (Porto) | 011 | 3.º » — 1944 |
| Pacato | 578 | 4.º » — 1944 |
| Sécora | 877 | Campeões — 1943 |
| Dalotos | 444 | » — 1944 |

As produções n.os 3 a 20 são da autoria de «Mac-Avenko».

## Tabela de preços dos Armazens de Víveres, durante o mês de Fevereiro de 1946

| Géneros | | Preços | Géneros | | Preços | Géneros | | Preços |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Arroz mercantil ..... | kg. | 4$50 | Massas cortadas: Macarrão e Macarronete — Côradas | kg. | 5$30 | Queijo tipo flamengo.... | kg. | 24$00 |
| Açúcar de 1.ª ..... | » | 4$80 | Massinhas: Cotovelos, cotovelinhos, miosotis, pevides, etc. — Côradas ..... | kg. | 5$70 | » da serra ..... | » | 24$00 |
| Azeite extra ..... | lit. | 10$80 | Meadas: Aletria, macarrão e macarronete — Côrado. | kg. | 5$90 | Sabão amêndoa ..... | » | 1$60 |
| » fino ..... | » | 10$30 | Meadas brancas a granel. | » | 7$80 | » Offenbach ..... | » | 4$40 |
| Bacalhau Inglês ..... | kg. | variável | Massas cortadas, massinhas e meadas: branca a granel | kg. | 7$60 | Sal ..... | lit. | $40 |
| » Nacional ..... | » | » | Em pacotes celofane ..... | » | 8$60 | Toucinho .. ..... | kg. | 14$90 |
| Batata ..... | » | » | Bambus: Espaguete, macarrão e macarronete — Côradas, pacote celofane... | kg. | 9$60 | Vinagre ..... | lit. | 2$50 |
| Carvão de sôbro ..... | » | 1$05 | Ovos ..... | dúz. | variável | Vinho branco ..... | » | 1$80 |
| Cebolas ..... | » | variável | Presunto ..... | kg. | 24$00 | Vinho tinto ..... | » | 1$80 |
| Chouriço de carne ..... | » | 31$00 | | | | Vinho branco (em Campanhã) ..... ..... | » | 2$30 |
| Feijão Colonial..... | lit. | 4$35 | | | | Vinho tinto (em Gaia e Campanhã ..... | » | 2$20 |
| Continental: | | | | | | | | |
| Feijão branco miúdo .... | » | 6$40 | | | | | | |
| » frade. lit. 3$80, 5$40 e | | 6$80 | | | | | | |
| Lenha ..... | kg. | $40 | | | | | | |
| Manteiga ..... | » | 33$00 | | | | | | |

Os preços dos géneros sujeitos a imposto são acrescidos dêsse imposto.

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos géneros acima citados, os Armazens de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congéneres, e também tecidos de algodão, malhas, atoalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem fôr económico deverá abastecer-se nos Armazens de Víveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionario ferroviário

---

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio Os números dêste Boletim não se vendem avulso.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuír com a importância anual de 12$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um **fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção **(Boletim da C. P.)**.